

# Técnico aprova Hemocentro

O Hemocentro de Brasília está dentro dos padrões ideais de funcionamento e coleta de sangue, principalmente no que diz respeito ao controle da disseminação do vírus da Aids. Pelo menos essa é a conclusão dos 11 técnicos de Saúde convidados para participar do 1º Encontro de Ai no DF, que visitaram as instalações da instituição quinta-feira pela manhã. O encontro deverá encaminhar a Secretaria de Saúde um documento contendo uma sugestão de programa de prevenção e atendimento dos casos de Aids, específico para o DF.

A visita ao hemocentro foi acompanhada pela diretora do órgão, Marisa Ribeiro, que fez questão de mostrar pessoalmente toda a estrutura de funcionamento do banco de sangue, desde a seleção dos doadores até o armazenamento do sangue coletado. Em razão de um trabalho rigoroso e bem analisado, que soma desde 1985 mais de 200 mil transfusões de sangue sem qualquer problema, ela acredita que os erros burocráticos dentro de tais instituições ainda são os maiores riscos para um paciente sujeito a qualquer transfusão.

Como primeira rede de coleta de sangue a aplicar efetivamente o teste Elisa (que detecta a presença do HIV 1 — vírus provocador da Aids) no Brasil, em 1985, o Hemocentro de Brasília é visto como um modelo de "muito bom nível". Em geral uma amostra de sangue coletada é submetida aos testes de sífilis, hepatite, doença de chagas e Aids, com dois exames confirmatórios.

Todo e qualquer doador é submetido inicialmente ao teste Elisa, como prévia para a comprovação ou não da presença do vírus da Aids. Em casos de dúvida, o banco de sangue aplica o teste Westernblot, que funciona como confirmatório. A regra geral estima que dois por cento dos testes têm possibilidade de apresentar os resultados chamados de falsos negativos.

Na tentativa de evitar que uma pessoa possa se dirigir a um hemobanco com o intuito de saber se é ou não portador do vírus da Aids e consequentemente acabar doando sangue, em São Paulo, a rede hospitalar do Estado está aplicando testes gratuitos. "As vezes o indivíduo vê a doação de sangue como meio mais eficaz para saber se está com Aids e acaba contaminando outras pessoas", lembrou Paulo Roberto Teixeira, coordenador da vigilância epidemiológica do Programa de Aids de São Paulo.

Ainda em fase de implantação no Brasil está a industrialização de Kits de testes especiais que ao mesmo tempo poderão detectar os dois tipos de vírus da Aids, HIV 1 e 2. No Brasil apenas os testes de HIV 1 são realizados, mas a preocupação em relação ao tipo 2 é grande. A diretora do Hemocentro de Brasília lembra que, na cidade, a população de habitantes procedentes da África, local onde o vírus tipo 2 é mais encontrado, é numerosa e isso pode representar um risco no momento de uma doação, "pela falta de um teste completo". No Brasil foram constatados apenas dois casos de HVI 2, em São Paulo.